

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS**  
**CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS – CESP**  
**CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

**VANESSA VASCONCELOS BARROS**

**NARRATIVA AMAZONENSE DE VISAGEM: O LETRAMENTO LITERÁRIO POR  
MEIO DA CONTAÇÃO DE ESTÓRIAS NO AMBIENTE ESCOLAR.**

**PARINTINS – AM**

**2025**

**VANESSA VASCONCELOS BARROS**

**NARRATIVA AMAZONENSE DE VISAGEM: O LETRAMENTO  
LITERÁRIO POR MEIO DA CONTAÇÃO DE ESTÓRIAS NO AMBIENTE  
ESCOLAR**

**Monografia apresentada como exigência parcial  
para aquisição do título de graduação à  
Universidade do Estado do Amazonas, na área  
de Licenciatura Plena em Letras – Língua  
Portuguesa sob a orientação da Profª Drª Delma  
Pacheco Sicsú.**

**PARINTINS – AM**

**2025**

## Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).  
**Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade do Estado do Amazonas.**

B277n Barros, Vanessa Vasconcelos  
Narrativa amazonense de visagem: O letramento literário por meio da contação de estórias no ambiente escolar : O uso de narrativas de visagens como ferramenta de ensino-aprendizagem / Vanessa Vasconcelos Barros . Manaus : [s.n], 2025.  
45 f.: color.; 21,0 cm.  
  
TCC - Graduação em Letras- Licenciatura- Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2025.  
Orientador: Sicsú, Delma Pacheco.  
  
1. Letramento literário. 2. Letramento regional. 3. Identidade cultural. 4. Oralidade. 5. Visagens amazônicas. I. Sicsú, Delma Pacheco (Orient.) II. Universidade do Estado do Amazonas. III. Título

CDU(1997)81

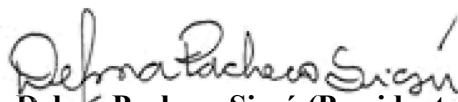
**VANESSA VASCONCELOS BARROS**

**NARRATIVA AMAZONENSE DE VISAGEM: O LETRAMENTO LITERÁRIO POR  
MEIO DA CONTAÇÃO DE ESTÓRIAS NO AMBIENTE ESCOLAR**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Letras - Língua Portuguesa- da Universidade do Estado do Amazonas, como requisito para obtenção do título de Licenciada(o) em Letras.

**Aprovado em: 25/ 06/ 2025.**

**BANCA EXAMINADORA**



**Prof.<sup>a</sup>. Dra. Delma Pacheco Sicsú (Presidente CESP/UEA)**

**Orientadora**



**Prof. Esp. Daniel Alexandro Pacheco Sicsú**

**Membro**



**Me. Luís Alberto Mendes de Carvalho**

**Membro**

## **Dedicatória**

Aos meus pais, pilares da minha vida, que com amor, coragem e sacrifício me ensinaram a acreditar nos meus sonhos e a nunca desistir.

Ao meu irmão, companheiro de jornada, cuja presença firme e cumplicidade tornaram minha caminhada mais leve e cheia de sentido.

E ao meu sobrinho, luz doce e inocente, que com seu sorriso me lembra todos os dias a beleza de continuar sonhando.

## **Agradecimentos**

A realização desta monografia representa não apenas o cumprimento de uma etapa acadêmica, mas também a concretização de um sonho que só foi possível com o apoio de muitas pessoas, às quais dedico minha mais profunda gratidão.

Agradeço primeiramente a Deus, por me conceder saúde, força e sabedoria ao longo desta caminhada.

À minha família, pelo amor incondicional, apoio constante e por acreditarem em mim mesmo nos momentos em que eu duvidei. Em especial, agradeço meu pai Adamilton Barros, minha mãe Vanilze Vasconcelos e meu irmão Adanilton Barros, por todo incentivo, paciência e compreensão durante os momentos mais desafiadores.

Aos meus professores e professoras, que foram mais que transmissores de conhecimento, foram guias e inspirações ao longo de toda a minha formação. Em especial, agradeço à minha professora e orientadora Dra. Delma Pacheco Sicsú, pela orientação dedicada, pelas valiosas contribuições e pela paciência em cada etapa deste trabalho.

Aos colegas e amigos que estiveram ao meu lado durante essa jornada, compartilhando angústias, conquistas e aprendizados. Obrigado por tornarem essa caminhada mais leve e significativa.

Por fim, agradeço a todos aqueles que, de alguma forma, contribuíram para que este trabalho fosse realizado. A cada um de vocês, o meu sincero muito obrigado.

**Resumo:** Este trabalho apresenta o resultado de uma pesquisa, o uso das narrativas de visagens da tradição oral amazônica como estratégia para o letramento literário e o fortalecimento da identidade cultural de estudantes do 2º ano do Ensino Médio de uma escola pública em Parintins (AM), no ano de 2025. O objetivo dessa pesquisa aqui apresentada] foi compreender de que forma essas narrativas podem contribuir para o desenvolvimento do letramento literário e para a valorização da cultura local no ambiente escolar. A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, com apoio quantitativo, fundamentada nos métodos fenomenológico e dialético. As ações foram desenvolvidas por meio de oficinas pedagógicas que integraram leitura, escuta ativa, contação de histórias e produção textual. A análise teórica baseia-se nas contribuições de autores como Câmara Cascudo (2015), João de Jesus Paes Loureiro (2019), Marisa Lajolo (2017), Paulo Freire (1989, 1996), Regina Zilberman (2017) e Rildo Cosson (2009), entre outros. Os resultados revelam que as estórias de visagens, além de ampliarem o repertório literário dos alunos, promovem um resgate afetivo da cultura local e incentivam a construção de uma leitura crítica e significativa do mundo. A valorização das expressões regionais dentro do ambiente escolar demonstra ser um potente instrumento de resistência cultural, letramento literário e formação cidadã.

**Palavras-chave:** Letramento literário. Literatura regional. Identidade cultural. Oralidade. Visagens amazônicas.

**Abstract:** This monograph investigates the use of ghost stories from Amazonian oral tradition as a strategy for literary literacy and the strengthening of cultural identity among 10th-grade students at a public school in Parintins (Amazonas), in 2025. The objective was to understand how these narratives can contribute to the development of literary literacy and to the appreciation of local culture within the school environment. The research adopts a qualitative approach with quantitative support, based on phenomenological and dialectical methods. The pedagogical actions were carried out through workshops involving reading, active listening, storytelling, and writing. The theoretical foundation is based on the contributions of authors such as Câmara Cascudo (2015), João de Jesus Paes Loureiro (2019), Marisa Lajolo (2017), Paulo Freire (1989, 1996), Regina Zilberman (2017), and Rildo Cosson (2009), among others. The results reveal that ghost stories not only expand students' literary repertoire but also promote an affective recovery of local culture and encourage the development of a critical and meaningful reading of the world. The inclusion of regional expressions in the school context proves to be a powerful instrument of cultural resistance, literary literacy, and citizen formation.

**Keywords:** Literary literacy. Regional literature. Cultural identity. Orality. Amazonian ghost stories.

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>01</b>
<b>CAPÍTULO I: REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	<b>02</b>
<b>1.1 Letramento literário e a formação de leitores</b> .....	<b>02</b>
<b>1.2 As narrativas amazonenses de visagem no processo de letramento literário na escola</b> .....	<b>05</b>
<b>1.3 A circulação da literatura regional no ambiente escolar</b> .....	<b>09</b>
<b>CAPÍTULO II: MATERIAL E MÉTODOS</b> .....	<b>12</b>
<b>2.1 Abordagem da pesquisa</b> .....	<b>12</b>
<b>2.2 Delineamento e métodos de pesquisa</b> .....	<b>13</b>
<b>2.3 Contexto da pesquisa</b> .....	<b>14</b>
<b>2.4 Sujeitos da pesquisa</b> .....	<b>14</b>
<b>2.5 Técnicas de coleta de dados</b> .....	<b>14</b>
<b>2.6 Ética e procedimentos</b> .....	<b>15</b>
<b>CAPÍTULO III: APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS</b> .....	<b>15</b>
<b>3.1 O perfil dos alunos no contexto da pesquisa</b> .....	<b>15</b>
<b>3.2 Aplicação da oficina “Narrativas de Visagem e Letramento Literário.”</b> .....	<b>16</b>
<b>3.3 Análise e discussão dos resultados</b> .....	<b>19</b>
<b>CONSIDERAÇÕES</b> .....	<b>32</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>34</b>
<b>APÊNDICES</b> .....	<b>36</b>

## INTRODUÇÃO

A literatura amazonense, em suas múltiplas formas de expressão, constitui um valioso instrumento de preservação da memória, da cultura e da identidade dos povos da região. Entre suas manifestações mais significativas estão as histórias de visagens, relatos de caráter fantástico e simbólico que integram o imaginário popular amazônico. Essas narrativas, transmitidas oralmente de geração em geração, carregam em si elementos míticos, culturais e sociais profundamente enraizados no cotidiano das comunidades ribeirinhas e interioranas da região.

Apesar de sua riqueza cultural e formativa, a literatura de visagens enfrenta desafios quanto à sua presença e valorização nas escolas públicas, onde ainda prevalece a utilização de obras consagradas do cânone literário nacional e internacional, em detrimento da produção literária regional. Essa lacuna compromete a construção de uma educação que reconheça e valorize as identidades locais, além de limitar as possibilidades de letramento literário mais significativo e contextualizado.

Diante desse cenário, emergiu como a contação das histórias de visagens pode contribuir para o letramento literário e o fortalecimento da identidade cultural dos estudantes da região amazônica? A partir dessa indagação, este estudo tem como objetivo geral investigar os impactos e as potencialidades do uso dessas narrativas no contexto educacional. Os objetivos específicos foram:

- Identificar a relação entre o conhecimento dessas histórias e a valorização da cultura local;
- Verificar como ocorre o processo de letramento literário e a socialização das leituras a partir das narrativas de visagens;
- Promover estratégias de escuta ativa que favoreçam o engajamento dos alunos com o universo literário amazônico.

A motivação para esta pesquisa é tanto acadêmica quanto pessoal. Cresci em um ambiente familiar marcado pela tradição oral da Amazônia, no qual as histórias de visagens contadas por meu pai, pescador, e por outros parentes do interior, fizeram parte da minha formação cultural. Essa vivência revelou o potencial dessas narrativas como instrumento pedagógico capaz de despertar o interesse pela leitura e fortalecer a identidade dos estudantes, especialmente quando inseridas no contexto escolar.

Nesse sentido, a literatura de visagens configura-se como uma ferramenta potente de diálogo entre os saberes tradicionais e as práticas pedagógicas contemporâneas. A oralidade, elemento essencial dessas narrativas, proporciona uma vivência literária coletiva, afetiva e significativa, promovendo uma escuta ativa e sensível no ambiente escolar, além de possibilitar a ampliação da experiência leitora dos alunos para além dos textos canônicos.

A pesquisa desenvolveu-se sob uma abordagem qualitativa com apoio quantitativo, pautada nos métodos fenomenológico e dialético, buscando compreender os significados atribuídos pelos alunos às experiências vivenciadas com as estórias de visagens. O estudo foi realizado com estudantes do 2º ano do Ensino Médio de uma escola pública localizada no município de Parintins, Amazonas, por meio de oficina pedagógica que envolveu leitura, contação de histórias, produção textual e aplicação de questionários semiestruturados com perguntas fechadas e abertas.

Os resultados demonstraram que o contato com essas narrativas amplia o repertório literário dos estudantes, fortalece a identidade cultural e desperta o interesse por práticas leitoras mais significativas, tornando-se uma estratégia potente de valorização das raízes amazônicas no contexto escolar.

Este trabalho está organizado em três capítulos, além desta introdução e das considerações finais. O Capítulo 1 – Referencial Teórico discute os fundamentos do letramento literário (Cosson, Soares, Silva), as contribuições das narrativas de visagens no ambiente escolar e a circulação da literatura regional na formação leitora. O Capítulo 2 – Materiais e Métodos apresenta os procedimentos metodológicos da pesquisa, detalhando a abordagem, os sujeitos, os instrumentos e as etapas desenvolvidas. O Capítulo 3 – Análise e Discussão dos Resultados interpreta os dados obtidos nas oficinas.

Espera-se que a integração das narrativas amazônicas de visagens ao cotidiano escolar contribua para a formação leitora dos estudantes e para o fortalecimento do vínculo com suas raízes culturais. Contar e ouvir essas histórias, no contexto da escola, representa um gesto de resistência e afirmação identitária no coração da Amazônia, além de uma prática que amplia o horizonte de sentidos da leitura literária.

## **CAPÍTULO I: REFERENCIAL TEÓRICO**

### **1.1 LETRAMENTO LITERÁRIO E A FORMAÇÃO DE LEITORES**

A literatura é um dos meios mais eficazes para a construção do conhecimento, a ampliação da imaginação e o desenvolvimento do pensamento crítico. No entanto, o ato de ler

vai além da simples decodificação de palavras em um texto; envolve a capacidade de interpretar, dialogar com diferentes contextos e construir significados a partir das experiências individuais e coletivas. Nessa perspectiva, o letramento literário configura-se como um processo fundamental na formação do leitor, pois não apenas ensina a ler, mas possibilita que o sujeito se torne um leitor ativo, capaz de atribuir sentidos e refletir criticamente sobre o que lê.

O conceito de letramento literário tem sido amplamente discutido por autores como Cosson (2009) e Soares (2018), os quais destacam a importância da literatura na formação do indivíduo para além do domínio técnico da leitura e da escrita. Para Cosson (2009), a leitura literária representa um espaço de encontro entre o leitor e o mundo, funcionando como meio de expressão e compreensão da realidade. O autor enfatiza que o letramento literário não deve ser tratado apenas como técnica de ensino, mas como parte do processo de formação humana, em que a literatura se transforma em instrumento de construção da identidade e do pensamento crítico. Nesse sentido, formar leitores não se restringe a inseri-los no universo da leitura e da escrita, mas exige o desenvolvimento da autonomia interpretativa e da capacidade de questionar o mundo.

Magda Soares (2018) define o letramento como “o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e a escrever: o estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita” (p. 39). Essa definição destaca a dimensão sociocultural e histórica do letramento, compreendendo a leitura e a escrita como práticas sociais carregadas de sentido e inseridas em contextos específicos.

Sob essa ótica, a formação do leitor literário está intrinsecamente relacionada à formação humana. Não se pode restringir o processo formativo ao exercício mecânico da leitura, ignorando a literatura como forma de conhecimento. Segundo Ricardo da Silva (2022), esse conhecimento é artisticamente estruturado com base nas experiências humanas. Para o autor, a literatura permite ao leitor um mergulho simbólico na condição humana, ampliando sua visão de mundo e seu repertório emocional, cultural e social.

Essa concepção é reforçada por Freire (1989), ao afirmar que a leitura da palavra está vinculada à leitura do mundo. A partir dessa perspectiva, o letramento literário transcende o plano técnico e se configura como uma prática de humanização, por meio da qual o sujeito desenvolve consciência crítica e capacidade de transformar a realidade.

No ambiente escolar, a formação do leitor literário adquire relevância ainda maior, visto que, para muitos estudantes, a escola representa o primeiro contato sistemático com a literatura.

No entanto, como alertam Zilberman e Lajolo (2017), o ensino da literatura frequentemente assume um caráter conteudista e mecânico, tratando os textos apenas como objetos de análise gramatical ou histórica. Tal abordagem reduz a experiência literária e desconsidera sua dimensão estética e emocional, afastando os alunos do potencial transformador da leitura. Em vez de se envolverem de forma sensível e reflexiva, os estudantes tendem a encarar a literatura como mera obrigação escolar, o que dificulta a criação de vínculos significativos com os textos.

Dessa forma, torna-se evidente que a formação do leitor literário exige mais do que a presença da literatura no currículo escolar. É necessário que o ensino literário se fundamente em práticas pedagógicas significativas, que articulem emoção, reflexão e protagonismo do estudante. Alinhada a essa concepção, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) propõe que “para que a experiência da literatura e da arte em geral possa alcançar seu potencial transformador e humanizador, é preciso promover a formação de um leitor que não apenas compreenda os sentidos dos textos, mas também que seja capaz de fruí-los” (BRASIL, 2018, p. 156). Tal diretriz reforça o papel central da literatura na construção de um letramento literário eficaz e significativo.

Com o intuito de sistematizar essa prática, Cosson (2009) propõe um modelo didático dividido em quatro etapas fundamentais:

1. Motivação – Criar um ambiente que desperte o interesse e a curiosidade dos alunos, estabelecendo vínculos entre o texto literário e suas vivências;
2. Introdução – Apresentar informações sobre a obra, o autor e o contexto de produção, ampliando o repertório do leitor;
3. Leitura – Estimular o contato direto com o texto, promovendo diversas formas de interpretação e apreciação estética;
4. Interpretação – Incentivar a análise crítica e o diálogo com o texto, relacionando-o a outras experiências culturais e sociais. (COSSON, 2009, p.51)

Esse modelo permite que a leitura literária ultrapasse a decodificação, transformando-se em uma experiência significativa de construção de sentidos. Além disso, a diversidade do repertório literário oferecido aos alunos desempenha papel decisivo nesse processo. Embora o cânone literário tradicional possua valor histórico e cultural, ele não deve ser a única referência de leitura. Como destacam Lajolo e Zilberman (2017), a imposição de um repertório rígido pode dificultar a identificação dos estudantes com os textos, afastando-os da leitura. Nesse sentido, é fundamental incluir obras da literatura regional, infantil, juvenil e de narrativas contemporâneas, de modo a representar diferentes perfis de leitores.

Cosson (2009) complementa esse pensamento ao afirmar que o letramento literário deve ser compreendido como um direito cultural, essencial à cidadania plena. Ao garantir o acesso à

literatura em suas múltiplas manifestações, a escola se consolida como espaço de democratização do saber e de inclusão simbólica.

Diante dos desafios atuais, é fundamental que a escola adote práticas que tornem a leitura uma experiência prazerosa e significativa. Ricardo da Silva (2022) propõe diversas estratégias pedagógicas que contribuem para o desenvolvimento do letramento literário, tais como rodas de leitura e discussão, contação de histórias com ênfase na oralidade, uso de linguagens artísticas como teatro, música e cinema, além de atividades de escrita criativa que exploram diferentes gêneros textuais. O autor também destaca a mediação de leitura como papel essencial do professor, que deve atuar como facilitador, incentivando reflexões e construindo sentidos com os alunos.

Tais estratégias contribuem para que a leitura literária deixe de ser vista como uma obrigação e passe a integrar a vivência dos estudantes de forma autêntica. O letramento literário é, portanto, um processo essencial na formação do leitor, pois transcende o ensino técnico da leitura e da escrita, promovendo o desenvolvimento da sensibilidade, da criticidade e da empatia.

Dessa maneira, a literatura deve ser valorizada não apenas como um conteúdo curricular, mas como uma ferramenta potente de humanização e construção do conhecimento.

## **1.1 NARRATIVAS AMAZONENSES DE VISAGENS NO PROCESSO DE LETRAMENTO LITERÁRIO NA ESCOLA**

A leitura e a escrita constituem elementos fundamentais na trajetória escolar do indivíduo, pois estão presentes desde o início de sua interação com o mundo. Conforme exposto por Freire (1989, p. 13), “A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente.” Isso evidencia que a primeira forma de leitura realizada pelo ser humano é a do contexto social em que está inserido. Nesse sentido, todos os sujeitos trazem consigo um repertório cultural e experiências prévias que não podem ser negligenciados, mas sim integrados e valorizados no contexto pedagógico, a fim de enriquecer o processo educativo em sala de aula.

A literatura amazonense, em especial aquelas que tratam de temáticas que contemplam contextos da presença de visagens, é um gênero literário que explora narrativas direcionadas ao terror e folclore característico da região e da cultura amazônica. Segundo Cascudo (1984), a

tradição é composta por uma mistura de elementos diversos, como histórias e fatos populares, anedotas reais ou inventadas, críticas sociais e fragmentos de lendas, que se fundem de maneira confusa e heterogênea na memória coletiva de um povo.

Ainda conforme o autor, o folclórico é resultado dessa memória coletiva contínua e indistinta, sendo caracterizado como algo que nasce do popular e, ao mesmo tempo, representa uma forma de sobrevivência cultural (CASCUDO,1984).

Esse tipo de literatura é importante para a preservação cultural e a identidade regional de quem vive nessas regiões, além de fornecer uma rica fonte de histórias para análise literária e cultural. Conforme Almeida:

[...] A literatura deve ser vista em sua diversidade e é hoje, mais do que nunca, uma mediadora entre diferentes culturas. Nesse contexto, o professor deve ter em mente que, seja qual for a forma de ensino ou recursos tecnológicos hoje adotados, o texto deve ser o condutor, o protagonista da relação professor/aluno e deste com o mundo e consigo mesmo. (2014, pág. 10).

Nesse sentido, torna-se importante compreender que promover o estudo da literatura amazonense, especificamente de narrativas de visagem quais geralmente misturam realidade e fantasia, utilizando o ambiente natural exuberante da região amazônica como fundo temático para narrativas de terror e mistério, é uma possibilidade de contribuição para o reconhecimento da formação histórica de um imaginário cultural que reflete a relação sociocultural das comunidades amazônicas com seu entorno natural.

Diante do que foi apresentado, é importante ressaltar que o termo “visagem” na língua portuguesa pode ser entendido de diversas maneiras, dependendo do contexto em que é utilizado pelos falantes. Assim, quando entendido no contexto popular e cultural amazonense, o termo “visagem” geralmente refere-se a uma aparição ou visão fantasmagórica. Além disso é frequentemente associada a figuras sobrenaturais ou espíritos que se manifestam aos vivos e seu uso é comum em histórias de folclore e literatura de horror.

Moraes (2013) reforça essa ideia em sua obra *O meu dicionário de cousas da Amazônia*, ele diz que o termo “visagem” refere-se ao aparecimento de espectro, à manifestação de almas ou entidades do mundo sobrenatural. Logo, uma história de visagem é um gênero dentro das narrativas orais populares que trata do surgimento de entidades que não fazem parte do mundo natural ou real. Essas entidades geralmente têm a capacidade de assustar as pessoas e de transmitir mensagens provenientes do "outro mundo", com o intuito de instruir ou alertar sobre questões específicas, como punições ou castigos.

Para ampliar essa discussão, vale destacar as reflexões de João Paes Loureiro em *Cultura Amazônica: uma poética do imaginário* (2015). Ele nos convida a enxergar o imaginário amazônico como um espaço de resistência e memória, onde natureza, sobrenatural e cotidiano se misturam de forma única. Nesse cenário, as histórias de visagens não são apenas contos fantásticos, mas expressões profundas da relação das comunidades com seu território, sua cultura e sua forma de entender o mundo.

Loureiro descreve esse fenômeno da seguinte maneira:

Na Amazônia seus mitos, suas invenções no âmbito da visualidade, sua produção artística são verdades de crença coletiva, são objetos estéticos legitimados socialmente, cujos significados reforçam a poetização da cultura da qual são originados. A própria cultura amazônica os legitima e os institui enquanto fantasias aceitas como verdades. Assim, nesse mundo, os homens, por meio da cultura, passam a usufruir a confiança de estar em seu mundo, expressando uma linguagem poética que vem diretamente da alma, que faz a alma se extravasar como uma fonte incessante, que permite a essa alma nativa se descobrir em um mundo que é seu e no qual funda a compreensão da vida e da natureza nas quais ela está inserida. (2015, p. 105).

Essa reflexão nos mostra algo essencial: para os povos amazônicos, cultura e imaginação não são coisas separadas. As histórias que circulam entre gerações sejam em conversas à beira do rio, em rodas de contação de histórias ou em manifestações artísticas não são apenas relatos do passado, mas formas de interpretar e dar sentido à vida. Quando alguém fala sobre uma visagem, por exemplo, não está apenas contando uma história assustadora; está compartilhando uma experiência coletiva, uma forma de perceber a presença do mistério e do sagrado no mundo ao seu redor.

Ao dizer que essas fantasias são “aceitas como verdades”, Loureiro não está sugerindo que sejam ilusões, mas sim que fazem parte de um modo de existir e compreender a realidade. Na Amazônia, o fantástico e o real caminham juntos e o invisível tem um papel tão importante quanto o visível. Isso significa que tentar encaixar essas histórias em uma lógica puramente racional seria limitar sua potência. Elas não precisam de explicações científicas para serem reais são reais porque fazem sentido dentro da vivência de quem as conta e de quem as escuta.

Assim, mais do que lendas ou superstições, as narrativas de visagens são expressões de um modo de ser e estar no mundo. Elas mantêm viva a identidade amazônica, criando um vínculo profundo entre as pessoas, suas memórias e o ambiente em que vivem. Afinal, em um lugar onde rios, matas e noites escuras guardam tantos mistérios, a imaginação é também uma forma de navegar pela vida.

Através da tradição oral essas histórias se mantiveram vivas, adaptando-se às mudanças ao longo do tempo, mas sem perder a essência do mistério e do respeito que impõem. Esse

caráter de constante adaptação demonstra a importância da oralidade para manter vivas as crenças e lendas, reafirmando a relevância das visagens para a identidade cultural amazônica.

Assim, levar essas narrativas para a escola pode transformar a maneira como os alunos se relacionam com a leitura e a literatura. Contar e ouvir histórias sempre foi uma forma natural e poderosa de compartilhar conhecimentos e vivências. Quando isso acontece dentro da sala de aula, o aprendizado se torna mais vivo, dinâmico e envolvente.

No caso das narrativas de visagem, que fazem parte do imaginário amazônico, esse efeito é ainda mais forte. Essas histórias não são apenas histórias assustadoras ou curiosidades do folclore, elas carregam a memória e a identidade de um povo. Ao trabalhar com essas narrativas, a escola permite que os alunos se enxerguem no conteúdo, fortaleçam seus laços com a cultura local e percebam que suas histórias também têm valor. Isso torna a aprendizagem mais significativa e cria um vínculo mais afetivo com o conhecimento.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) destaca a importância de proporcionar aos estudantes experiências que ampliem seus letramentos e os ajudem a participar, de forma crítica e ativa, das diversas práticas sociais permeadas pela oralidade, escrita e outras linguagens. Incorporar as narrativas de visagem ao ensino não só incentiva a leitura e a interpretação de textos, mas também faz com que os alunos sintam que sua cultura e suas vivências são reconhecidas dentro da escola. Isso dá sentido ao aprendizado e reforça a ideia de que a literatura não está distante da realidade deles, pelo contrário, ela nasce e cresce dentro de suas próprias histórias.

Além disso, compartilhar histórias desperta a curiosidade e incentiva o diálogo. Quando um aluno ouve um relato de visagem contado por um professor ou colega, ele não apenas recebe uma informação, mas vivencia uma experiência, cria imagens mentais, reflete sobre os acontecimentos e pode até relacioná-los com histórias que ouviu de familiares. Esse processo, além de fortalecer os laços culturais, contribui para o desenvolvimento de competências essenciais, como a escuta atenta, a argumentação e a criatividade.

Explorar o letramento literário por meio da contação e leitura de narrativas de visagem vai muito além do desenvolvimento das competências leitoras dos estudantes. Essas histórias carregam memórias, crenças e identidades que fazem parte da cultura amazônica, permitindo que os alunos se enxerguem nas narrativas e se conectem com suas próprias raízes. Ao trazer esse imaginário para a sala de aula, a literatura se torna mais viva, próxima e significativa.

Como destaca Vieira (2008, p. 118), “o objetivo maior do letramento literário escolar formar leitores críticos, capazes de compreender parte do mundo da literatura que os cercam,

portanto, não basta somente ler fragmentos de textos, resumos de obras, é preciso inserir o estudante em um mundo literário”.

Essa reflexão vai ao encontro da proposta de inserção da literatura regional no ambiente escolar, pois evidencia a necessidade de envolver os estudantes de forma plena com os textos literários. Quando o educando tem acesso a obras que dialogam com sua realidade sociocultural como as narrativas amazônicas ele é conduzido a uma experiência de leitura mais significativa, que desperta não apenas o interesse, mas também a consciência crítica. A literatura regional, ao retratar aspectos identitários, históricos e ambientais do lugar em que o aluno vive, torna-se uma via potente para a construção de um letramento literário que valoriza a cultura local e estimula o pensamento autônomo, promovendo a formação de leitores sensíveis às múltiplas vozes e contextos de sua própria comunidade.

Nesse contexto, trabalhar com narrativas de visagem na escola não é apenas uma forma de ensinar literatura, mas de dar voz a histórias que atravessam gerações e carregam ensinamentos sobre a forma como diferentes povos compreendem o mundo. Ao ler, contar e reinterpretar essas narrativas, os estudantes não só aprimoram suas habilidades de leitura e escrita, mas também fortalecem sua identidade cultural e aprendem a valorizar a diversidade de saberes que compõem nossa sociedade. Assim, a literatura deixa de ser apenas um conteúdo escolar e passa a ser uma experiência afetiva e transformadora.

### **1.3 A CIRCULAÇÃO DA LITERATURA REGIONAL NO AMBIENTE ESCOLAR**

A inserção da literatura regional no ambiente escolar é fundamental para promover a valorização das identidades culturais locais e fortalecer o vínculo dos estudantes com sua própria realidade. Ao explorar textos que retratam costumes, crenças e modos de vida da região em que vivem, os alunos passam a reconhecer-se como sujeitos históricos e culturais, despertando o sentimento de pertencimento. Além disso, o trabalho com obras regionais possibilita o desenvolvimento de competências importantes para o letramento literário, como a interpretação crítica e a análise textual. Conforme destacam Silva, Almeida e Figueiredo (2024, p. 45),

a leitura de textos literários regionais também nos permite desenvolver habilidades como a interpretação, a análise e a interpretação crítica. Estas habilidades são úteis para compreender melhor o mundo ao nosso redor, além de nos permitir pensar de forma mais profunda sobre nossas próprias experiências e interpretar o mundo de maneira mais ampla.

Nesse sentido, a literatura regional não apenas contribui para o enriquecimento do repertório cultural dos alunos, como também favorece a construção de uma consciência crítica e cidadã, elementos essenciais no processo educativo contemporâneo.

Antonio Candido (2006) afirma que a literatura é também um produto social, pois expressa as condições da civilização em que ocorre. Assim, a literatura regional não apenas retrata aspectos culturais e históricos de uma comunidade, mas também contribui para a compreensão das relações sociais que moldam a sociedade. Sua presença na escola oferece aos estudantes a possibilidade de refletir sobre a própria identidade cultural e valorizá-la.

Outro autor que vai de encontro com essa ideia é renomado escritor amazonense Márcio Souza,

Como podemos ver, a Amazônia é uma das pátrias do mito, onde ainda existe uma unidade entre a natureza e a cultura numa constante interação de estímulos e afirmação. [...] a natureza é a nossa cultura, onde uma árvore derrubada é como uma palavra censurada e um rio poluído é como um poema proibido. (2008, p.26).

Essa afirmação de Márcio Souza ressalta a inseparabilidade entre natureza e expressão cultural na Amazônia, valorizando as produções literárias da região como formas legítimas de conhecimento e resistência. Ao ser levada para o ambiente escolar, a literatura regional cumpre um papel essencial de afirmação identitária, despertando nos estudantes o reconhecimento de suas raízes e a valorização do território em que vivem.

Mais do que um recurso pedagógico, a literatura regional representa uma valorização das raízes e tradições dos alunos, tornando o processo de letramento literário mais significativo. Stuart Hall (2006) observa que a identidade é construída ao longo da vida, por meio de experiências, trocas e influências socioculturais. Ela não é fixa, mas se molda gradualmente nas interações com o mundo.

Nesse contexto, Hall explica que:

A identidade é formada na 'interação' entre o eu e a sociedade. O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o 'eu real', mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais 'exteriores' e as identidades que esses mundos oferecem. (HALL, 2006, p. 11)."

Essa concepção dialoga com a importância das narrativas culturais, como as histórias de visagens, na formação da identidade. Ao interagirem com essas narrativas, os estudantes acessam um repertório simbólico de sua cultura, reconhecendo-se nele e fortalecendo seu senso de pertencimento. Assim, o letramento literário torna-se também um processo de afirmação cultural.

Contudo, a literatura regional ainda enfrenta desafios em sua circulação escolar. Muitas vezes, é vista como produção marginal, ofuscada pelo cânone literário nacional. Isso limita o acesso dos alunos a obras que dialogam diretamente com sua realidade.

Valorizar a literatura regional é reconhecer a pluralidade cultural do Brasil. Ela se expressa por meio de elementos locais, expressões linguísticas, temas ligados à tradição popular e uma estética própria. Ao integrar essas produções ao currículo escolar, amplia-se o repertório cultural dos estudantes e fortalece-se o ensino da literatura.

Chiappini (1995) aponta que a literatura regional é frequentemente alvo de preconceitos, sendo considerada uma “literatura menor”. Essa visão simplista, associada ao pitoresco, ignora a profundidade e diversidade dessa produção, reforçando estigmas que afastam leitores.

Outro obstáculo está na dificuldade de circulação dessas obras. Marisa Lajolo (2000) observa que muitos autores regionais têm pouca visibilidade: suas obras não chegam às livrarias, bibliotecas ou ao debate acadêmico, o que contribui para sua marginalização.

Desse modo, a circulação limitada dessas obras também reflete a falta de investimento por parte de editoras, que muitas vezes consideram o alcance regional como um entrave comercial. Isso evidencia a necessidade de políticas públicas e ações pedagógicas que promovam e valorizem essas produções.

Tendo em vista o que foi discutido, promover a literatura regional na escola exige práticas pedagógicas consistentes. É necessário desenvolver atividades culturais e linguísticas que envolvam leitura, escrita, oralidade e análise crítica dessas obras. Esse processo deve envolver discussões que abordem aspectos históricos, sociais e identitários, contribuindo para a formação de leitores mais conscientes e conectados às suas raízes.

## **CAPÍTULO II: MATERIAL E MÉTODOS**

O presente capítulo tem como objetivo apresentar os caminhos metodológicos que orientaram a realização desta pesquisa, descrevendo sua abordagem, métodos, procedimentos, sujeitos envolvidos, técnicas de coleta de dados e critérios de análise. A pesquisa desenvolvida possui uma natureza qualitativa, por considerar a interpretação da realidade social como elemento central da investigação, buscando compreender as experiências, percepções e significados atribuídos pelos sujeitos ao fenômeno estudado.

### **2.1 Abordagem da Pesquisa**

A presente pesquisa tem como abordagem principal a pesquisa qualitativa, por considerar que o objetivo central não é medir ou quantificar fenômenos, mas compreender os significados atribuídos pelos sujeitos às experiências vividas, especialmente no contexto das narrativas de visagens e sua relação com o letramento literário e a valorização da identidade cultural amazônica. Segundo Neves (1996), a pesquisa qualitativa visa “traduzir e expressar o sentido dos fenômenos do mundo social”, assumindo técnicas interpretativas que buscam decodificar os componentes simbólicos e culturais da realidade estudada.

Essa abordagem possibilitou maior aproximação entre a pesquisadora e o objeto de estudo, permitindo compreender o fenômeno a partir da perspectiva dos próprios participantes. Como aponta o autor, esse tipo de pesquisa considera os dados como simbólicos e ambíguos, sendo necessário interpretá-los à luz do contexto em que foram produzidos, e não de forma objetiva ou estatística.

Embora a presente pesquisa se baseie principalmente na abordagem qualitativa, optou-se por incorporar instrumentos quantitativos como forma de complementar a análise interpretativa dos dados. A quantificação de respostas obtidas por meio de um questionário estruturado permitiu identificar, de maneira objetiva, frequências, percentuais e padrões de percepção dos participantes em relação às atividades desenvolvidas durante a oficina “Narrativas Amazonenses de Visagem e Letramento Literário”.

Essa etapa quantitativa consistiu na aplicação de perguntas fechadas, cujas respostas foram organizadas em tabelas, fornecendo estatísticas simples como frequência e porcentagem para a interpretação dos resultados. Como destaca Gil (2008), os dados quantitativos podem oferecer suporte importante à pesquisa qualitativa ao evidenciar tendências gerais em meio aos discursos individuais.

A amostra foi composta por 26 alunos do 2º ano do Ensino Médio de uma escola pública em Parintins (AM), selecionados de forma intencional por terem participado das atividades propostas. As respostas foram quantificadas por meio de cálculos de frequência absoluta e relativa (percentual), permitindo uma visão panorâmica do impacto percebido pelos alunos nas dimensões de leitura, escrita e valorização cultural.

A escolha dessas abordagens justifica-se pela necessidade de compreender os sentidos atribuídos pelos alunos à experiência vivida durante a oficina, bem como de mensurar a percepção coletiva sobre os efeitos das atividades propostas. A abordagem qualitativa possibilita uma leitura aprofundada das subjetividades, valores culturais e vínculos identitários

presentes nas narrativas de visagens, elementos que não podem ser captados apenas por meio de dados estatísticos. Por outro lado, a utilização de procedimentos quantitativos permitiu organizar e visualizar objetivamente as respostas dos participantes, oferecendo um panorama geral da recepção das práticas pedagógicas desenvolvidas. Assim, a combinação das duas abordagens torna a análise mais rica e coerente com os objetivos da pesquisa, que envolvem tanto a dimensão interpretativa quanto a verificação de impactos percebidos pelos estudantes.

## **2.2 Delineamento e Métodos de Pesquisa**

A pesquisa utiliza dois métodos complementares: o fenomenológico e o dialético, que possibilitam compreender os sentidos atribuídos pelos sujeitos às suas experiências e observar os processos de transformação e contradição no contexto escolar.

O método fenomenológico, conforme Gil (2008) busca compreender a realidade a partir da vivência cotidiana dos sujeitos, valorizando os significados que eles atribuem às suas experiências, o que torna essa perspectiva apropriada para investigar como os estudantes interpretam e se relacionam com as narrativas regionais no processo de letramento literário.

Além disso, utilizou-se o método dialético, que de acordo com Gil (2008), o método dialético permite compreender a realidade como um processo em constante movimento e contradição. Essa abordagem se mostra especialmente potente quando aplicada ao campo educacional, pois revela as tensões entre tradição e modernidade, escola e cultura local, leitura e identidade, ajudando a enxergar a literatura regional não apenas como conteúdo, mas como instrumento de transformação e conscientização crítica dos sujeitos envolvidos no processo formativo.

## **2.3 Contexto da Pesquisa**

A investigação foi realizada em uma escola pública estadual localizada no município de Parintins, interior do estado do Amazonas. A escolha dessa instituição deve-se à sua importância como espaço de formação e socialização, especialmente no que se refere ao acesso à literatura e à valorização das manifestações culturais regionais. O contexto amazônico é rico em expressões culturais populares, muitas vezes ignoradas nas práticas escolares tradicionais, o que reforça a necessidade de estudos que promovam sua valorização.

## **2.4 Sujeitos da Pesquisa**

Os participantes da pesquisa foram alunos do 2º ano do Ensino Médio. A seleção da turma ocorreu por dois motivos principais: sua adequação ao objetivo da pesquisa e o vínculo pré-existente entre a pesquisadora e os estudantes, estabelecido desde o 9º ano por meio da atuação no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). Esse vínculo favoreceu a criação de um ambiente de confiança e abertura, essencial para a realização das atividades e coleta de dados.

Além dos alunos, participou como colaboradora da pesquisa também a professora que disponibilizou o seu horário de aula para a aplicação da oficina, cujas contribuições foram fundamentais para ampliar a compreensão dos impactos das atividades desenvolvidas.

## **2.5 Técnicas de Coleta de Dados**

Para alcançar os objetivos propostos, foram utilizadas as seguintes técnicas de coleta de dados:

- **Oficina pedagógica:** A oficina envolveu leitura e contação de histórias de visagens da tradição oral amazônica. Essas atividades estimularam a escuta ativa, a oralidade e a reflexão crítica, incentivando os estudantes a relacionarem os textos com sua realidade cultural.
- **Produção textual:** Após a leitura e dramatizações das narrativas, os alunos foram convidados a produzir seus próprios textos autorais e a partir das narrativas recontadas ou criadas foi possível observar o desenvolvimento do letramento literário e o envolvimento com os temas abordados.
- **Questionário semiestruturado:** Aplicado a alunos e a professora regente da turma ao final do processo, o questionário buscou registrar percepções, aprendizagens e impactos das oficinas e atividades literárias realizadas. A escolha do formato semiestruturado permitiu maior liberdade de expressão aos participantes, ao mesmo tempo em que garantiu a obtenção de dados relevantes para análise.

## **2.6 Ética e Procedimentos**

A pesquisa respeitou todos os princípios éticos que regem a produção científica com seres humanos. Os participantes foram informados sobre os objetivos da pesquisa, seus direitos e a garantia de anonimato. Na análise de dados, os alunos foram mencionados com nomes fictícios inspirados em personagens de visagens. Quanto às imagens utilizadas, teve-se o

cuidado de preservar a identidade dos participantes, evitando a exposição dos seus rostos, de modo a garantir o sigilo e a integridade dos envolvidos.

Concluindo, a utilização de uma abordagem qualitativa, aliada aos métodos fenomenológico e dialético, permitiu uma compreensão ampla e profunda dos fenômenos estudados. As técnicas de coleta utilizadas, articuladas ao contexto escolar e cultural amazônico, viabilizaram a escuta dos sujeitos e a análise de seus discursos. A valorização das narrativas regionais mostrou-se um caminho potente para o fortalecimento do letramento literário e da identidade cultural, aspectos que serão discutidos em maior profundidade nos capítulos seguintes.

### **CAPÍTULO III – APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

A apresentação e discussão dos resultados tem como objetivo analisar os dados construídos ao longo desta pesquisa e refletir sobre as questões levantadas a partir da prática desenvolvida. Os sujeitos da investigação foram alunos do 2º ano do Ensino Médio de uma escola pública localizada no município de Parintins (AM), e a proposta central foi compreender como a contação de narrativas amazônicas de visagens pode contribuir para o letramento literário desses estudantes, além de promover a valorização da identidade cultural local no ambiente escolar.

#### **3.1 O perfil dos alunos no contexto da pesquisa**

A escola campo desta pesquisa apresenta um ambiente acolhedor e uma estrutura adequada ao processo de ensino-aprendizagem, atendendo estudantes de diferentes bairros de Parintins (AM). Essas observações foram construídas a partir da participação no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), desenvolvido na referida escola entre os anos de 2022 e 2025, da vivência na disciplina de Estágio Supervisionado II, também realizada nesse espaço, e, principalmente, da convivência com os alunos durante a aplicação da oficina Narrativas Amazonenses de Visagem e Letramento Literário.

A coleta de dados da pesquisa ocorreu por meio de três instrumentos principais: a observação direta em sala de aula, a realização da oficina pedagógica e a aplicação de um questionário junto aos alunos participantes e a professora que acompanhou a turma durante a oficina.

Durante o acompanhamento das aulas de Língua Portuguesa e Literatura, no contexto do subprojeto de Letras PIBID e no Estágio Supervisionado II foi possível perceber como os conteúdos eram trabalhados e como os alunos reagiam às estratégias didáticas utilizadas. Atividades predominantemente expositivas e centradas na norma gramatical, por exemplo, mostraram-se pouco atrativas para a turma, gerando dispersão e baixa participação. Por outro lado, quando os professores propunham abordagens mais interativas, utilizando textos literários com os quais os alunos pudessem se identificar, a resposta era visivelmente mais positiva: os estudantes se mostravam mais atentos, interessados e participativa.

Foi a partir dessas observações atenta do cotidiano escolar que surgiu a proposta desta pesquisa, pensada como uma resposta às necessidades percebidas no ensino de Língua Portuguesa, especialmente no que diz respeito à valorização dos saberes culturais dos alunos e ao estímulo ao letramento literário. A convivência diária com os estudantes evidenciou o quanto práticas pedagógicas mais próximas de suas vivências e identidades culturais podem despertar maior interesse, engajamento e sentido no processo de aprendizagem. Nesse contexto, a contação de narrativas amazônicas de visagens revelou-se uma estratégia potente para articular leitura, escrita e pertencimento cultural dentro do espaço escolar.

### **3.2 Aplicação da oficina “Narrativas Amazonenses de Visagem e Letramento literário”**

A oficina intitulada Narrativas Amazonenses de Visagem e Letramento Literário foi concebida e aplicada junto a uma turma do 2º ano do Ensino Médio de uma escola pública no município de Parintins (AM). A proposta teve como finalidade promover o contato dos alunos com as narrativas de visagens, manifestações orais do imaginário amazônico, como recurso para estimular o letramento literário e, ao mesmo tempo, valorizar os saberes culturais presentes em seu cotidiano.

A atividade foi desenvolvida ao longo de duas aulas e dividida em dois momentos pedagógicos. Na primeira aula, realizou-se uma breve contextualização sobre o tema da oficina. Em seguida, os alunos foram organizados em quatro grupos, e cada grupo recebeu cópias de uma lenda amazônica específica. As lendas trabalhadas foram: O Boto, A Visagem que pega mototáxi e desaparece na porta do cemitério, Fantasma da estrada do aeroporto e A Porca Ingerada. Solicitou-se que os alunos observassem atentamente aspectos como os personagens, o espaço narrativo e os elementos da oralidade presentes nos textos.



**Figura 1** Estudantes fazendo a leitura das narrativas de visagem

Fonte: Acervo pessoal 2025



**Figura 2** Estudantes fazendo a leitura dramática e encenando as narrativas de visagem

Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora (2025)

Embora inicialmente estivesse prevista apenas uma leitura dramatizada, os alunos se envolveram de tal forma com as lendas que decidiram encená-las, transformando a atividade em uma apresentação rica em expressividade e participação coletiva. A espontaneidade e o entusiasmo com que se dedicaram às encenações evidenciaram o vínculo afetivo com os temas abordados.

Na segunda aula, os estudantes foram convidados a criar suas próprias narrativas de visagens, baseando-se em suas experiências pessoais, memórias familiares e referências culturais locais. Essa etapa proporcionou um momento de escrita criativa, no qual os alunos puderam exercitar a autoria e o diálogo com sua identidade cultural. Em seguida, houve a socialização oral das produções, momento em que os alunos compartilharam suas histórias com a turma, exercitando a escuta sensível, o respeito às diversas vozes presentes e a valorização do repertório coletivo. Devido à limitação do tempo disponível, não foi possível que todos os alunos apresentassem suas narrativas em sala.



**Figuras 3 Estudantes socializando suas narrativas de visagens**

**Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora (2025)**

Por fim, foi aplicado um questionário aos alunos e à professora regente da turma, a fim de recolher impressões sobre a oficina e compreender sua contribuição para a aprendizagem e o interesse dos alunos pela leitura literária.

Desde o início, foi explicitado aos alunos o objetivo da oficina, ressaltando a importância da participação colaborativa, do diálogo e do reconhecimento de suas vivências como ponto de partida para a construção do conhecimento. Ao longo da atividade, observou-se um envolvimento genuíno dos participantes, impulsionado pela identificação com os temas trabalhados e pela valorização de suas memórias afetivas. Isso favoreceu um ambiente de aprendizagem mais significativo, conectado à realidade local e ao universo simbólico dos estudantes.

### 3.3 Análise e discussão dos resultados

Esta seção tem por finalidade examinar e interpretar os dados obtidos por meio dos questionários aplicados aos estudantes participantes da oficina “Narrativas Amazonenses de Visagem e Letramento Literário” realizada com uma turma do 2º ano do Ensino Médio de uma escola pública do município de Parintins (AM). Participaram da pesquisa 26 (vinte e seis) alunos, cujas respostas foram organizadas numericamente ou com nomes fictícios, com o objetivo de garantir o anonimato e facilitar a sistematização da análise.

O questionário utilizado como instrumento de coleta de dados foi estruturado em três partes principais. A primeira parte destinou-se à identificação dos participantes, com perguntas relacionadas à idade e ao ano escolar, visando traçar o perfil dos estudantes envolvidos na oficina. A segunda parte buscou compreender a experiência prévia dos alunos com narrativas amazônicas, investigando seus conhecimentos e contatos anteriores com esse tipo de manifestação cultural, seja no contexto familiar, comunitário ou escolar. Por fim, a terceira parte foi voltada à avaliação dos impactos da oficina, com questões que procuraram identificar as percepções dos alunos sobre o processo de letramento literário vivenciado, bem como os efeitos da atividade na valorização de sua identidade cultural e no estímulo à escuta e à produção criativa.

A seguir, são apresentados os dados referentes ao conhecimento prévio sobre as narrativas de visagens (Perguntas 3 e 4):

Tabela 1 – Conhecimento prévio das narrativas

Resposta	Quantidades de alunos	Percentual
Sim	22	84,6%
Não	4	15,4%

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

84,6% dos estudantes afirmaram já conhecer alguma das histórias de visagens trabalhadas na oficina. Esse dado evidência a presença dessas narrativas no cotidiano dos alunos, mesmo fora do espaço escolar, revelando o potencial da tradição oral como recurso didático. A esse respeito, Zumthor (1997) compreende que a oralidade não é apenas um modo de expressão, mas um sistema cultural completo, com suas próprias regras e significados, que influencia profundamente a forma como as comunidades constroem e transmitem suas memórias coletivas.

Esse dado também aponta que 15,4% dos participantes não tinham conhecimento prévio sobre essas narrativas, o que evidencia a existência de uma lacuna cultural que pode estar relacionada a fatores como o distanciamento das práticas orais tradicionais no ambiente familiar e escolar, ou mesmo à desvalorização das manifestações culturais locais nos espaços formais de ensino. Isso reforça a importância de iniciativas como a oficina, que contribuem para o resgate, a valorização e a circulação dessas memórias orais entre os jovens.

Tabela 2 – Formas de contato com as histórias de visagens (resposta de múltipla escolha)

Formas de contato	Frequência	Percentual (Múltipla escolha)
Ouviu de familiares ou amigos	21	80,8%
Leu em livros ou artigos	9	34,6%
Viu em filmes, séries ou documentários	6	23,1%
Outros	0	0%

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

O quadro 2 apresenta as formas de contato dos alunos com as histórias de visagens, a partir de uma pergunta de múltipla escolha. Observa-se que a oralidade desempenha papel central na transmissão dessas narrativas, visto que 80,8% dos estudantes afirmaram ter ouvido essas histórias de familiares ou amigos. Em menor escala, 34,6% mencionaram o contato por meio de leituras em livros ou artigos, enquanto 23,1% relataram ter conhecido essas histórias através de filmes, séries ou documentários. Nenhum estudante indicou outras formas de contato.

Pela leitura do quadro temos uma demonstração de que a concepção dos alunos dialoga com a concepção de letramento literário de Cosson (2009), que propõe a valorização do repertório cultural prévio dos alunos como ponto de partida para a formação leitora. Esses dados indicam que a oralidade ainda se mantém como o principal meio de transmissão das narrativas de visagens entre os jovens, evidenciando a força das práticas culturais orais na constituição do imaginário coletivo local.

Por outro lado, o fato de uma parcela menor ter tido contato com essas narrativas por meio de livros, artigos, filmes ou documentários sugere a necessidade de ampliar a presença desse repertório nas mídias e no ambiente escolar, potencializando o acesso e promovendo uma integração mais rica entre oralidade e letramento literário.

Em relação aos impactos da oficina e percepções dos alunos (Perguntas 5, 6, 7 e 8)

As respostas abertas foram categorizadas por temas recorrentes, e trechos representativos foram selecionados.

Pergunta 5 – Como foi sua experiência participando da oficina de leitura e contação de histórias? O que mais te marcou?

Nome fictício (visagem)	Respostas do aluno	Elementos identificados
Boto Cor-de-rosa	<i>“A experiência foi ótima, pois traz lembranças de quando eu era criança, quando ouvimos esses contos de nossos avós.”</i>	Memória afetiva e tradição oral
Matinta Perera	<i>“Foi ótima, o que mais me marcou foi lembrar das antigas lendas contadas pelos meus pais quando eu tinha 7 anos.”</i>	Memória afetiva e tradição oral
Curupira	<i>“Foi legal pelo fato de ser compartilhada em sala de aula e eu já saber de algumas.”</i>	Participação e conhecimento prévio
Mãe-da-mata	<i>“Foi boa. Acredito que essas histórias deveriam estar mais presentes na escola.”</i>	Valorização da cultura na escola
Mapinguari	<i>“Foi ótima. O que mais me marcou foi o fato de reconhecer que a nossa Amazônia é tão rica e diversa quanto a cultura, mostrando que as histórias conseguem contribuir para a nossa educação.”</i>	Valorização da cultura amazônica
Mãe do ouro	<i>“Foi excelente! A interação dos meus colegas com as narrativas e as apresentações”</i>	Participação ativa e engajamento coletivo

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

A análise das respostas dos estudantes, identificados com nomes de personagens de visagens amazônicas para preservar o anonimato, revelou três categorias emergentes: memória afetiva e tradição oral, valorização da cultura amazônica e participação ativa na prática narrativa.

A memória afetiva e tradição oral apareceu com destaque nas falas de Matinta Perera e Boto Cor-de-Rosa, que associaram a oficina às lembranças da infância e às histórias contadas por familiares. Isso reforça o papel das narrativas orais na transmissão cultural e no fortalecimento de vínculos identitários e afetivos, como defende Freire (1996), ao valorizar a cultura popular como base do processo educativo.

A valorização da cultura amazônica foi ressaltada por Mãe-da-Mata e Caboclo D'Água, que reconheceram as lendas como patrimônio cultural e defenderam sua maior presença na escola. Por fim, Curupira, Iara e Mapinguari demonstraram participação ativa, destacando o entusiasmo com as dramatizações e a troca de saberes.

Dessa forma, os dados qualitativos demonstram que a proposta da oficina não apenas contribuiu para a promoção do letramento literário, mas também atuou como uma prática significativa de valorização cultural, reconstrução de memórias e incentivo à participação colaborativa dos alunos.

Pergunta 6 – As histórias ajudaram a conhecer melhor a cultura amazônica? Por que?

Nome fictício (visagem)	Respostas do aluno	Elementos identificados
Anhangá	<i>“Sim, pois as histórias parecem ser bem realistas e estão muito ligadas às nossas vivências.”</i>	Relação com vivências e cotidiano
Visagem do cemitério	<i>“Sim, porque elas nos conectam com as histórias dos antepassados.”</i>	Conexão com ancestralidade
Cachorro Preto	<i>“Sim, porque essas histórias fazem parte da nossa cultura”.</i>	Identidade e pertencimento cultural
Mãe do ouro	<i>“Sim, pois as histórias parecem ser bem realistas e estão muito ligadas às nossas vivências.”</i>	Relação com vivências e cotidiano
Encantado do Igarapé	<i>“Sim, pois mantém viva a essência de histórias antigas que serão levadas por anos.”</i>	Valorização da cultura amazônica
Visagem da estrada	<i>“Sim, através das histórias contadas aprendemos sobre a nossa cultura e aprendemos a valorizá-la.”</i>	Valorização do saber tradicional amazônico

As respostas dos alunos à pergunta “As histórias ajudaram a conhecer melhor a cultura amazônica? Por quê?” revelam percepções significativas sobre a relação entre narrativa, identidade e vivência. De modo geral, os estudantes demonstraram reconhecer as visagens como parte integrante da cultura local, estabelecendo vínculos entre as histórias narradas e suas experiências pessoais e comunitárias.

Algumas falas evidenciam uma relação com o cotidiano, como nos relatos relacionados às personagens Anhangá e Mãe do Ouro. Os alunos afirmam que as histórias “parecem ser bem realistas e estão muito ligadas às nossas vivências”, o que indica que os conteúdos trabalhados despertaram identificação e reconhecimento. Essa conexão reforça a importância de uma aprendizagem que parte da realidade do educando, conforme destaca Freire (1996), ao defender que o conhecimento se constrói de maneira significativa quando dialoga com a experiência concreta dos sujeitos.

Outras respostas apontam para uma conexão com a ancestralidade, como observado na narrativa sobre a Visagem do cemitério, em que o aluno menciona que “elas nos conectam com as histórias dos antepassados”. Tal percepção evidencia o papel das histórias orais como instrumento de preservação da memória coletiva e de transmissão de saberes intergeracionais, fundamentais na formação cultural dos sujeitos amazônidas.

Também se destaca o sentimento de pertencimento cultural, como na fala associada ao Cachorro Preto, em que o estudante afirma que essas histórias “fazem parte da nossa cultura”. Essa consciência cultural contribui para o fortalecimento da identidade individual e coletiva, pois segundo Hall (2006), as identidades culturais são construídas a partir da relação com os discursos e práticas culturais compartilhadas em um determinado grupo social.

Além disso, as falas sobre o Encantado do Igarapé e a Visagem da estrada revelam uma valorização da cultura amazônica e do saber tradicional, ao destacarem que as histórias mantêm viva a essência da tradição e ensinam a valorizá-la. Esse reconhecimento reforça o papel das narrativas como recurso pedagógico para promover o letramento literário e, ao mesmo tempo, fortalecer os vínculos com os saberes locais.

Dessa forma, observa-se que as histórias de visagens, ao serem trabalhadas de forma contextualizada e dialógica, favoreceram o conhecimento da cultura amazônica, estimularam o sentimento de pertencimento e promoveram a valorização da memória e da identidade cultural dos alunos.

Pergunta 7 – As atividades contribuíram para o seu interesse pela leitura e escrita?

Resposta	Quantidade	Percentual
Sim, muito	15	57,7%
Sim, um pouco	11	42,3%
Não influenciou	0	0%
Não, pelo contrário	0	0%

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

A sétima pergunta do questionário teve como objetivo entender se as atividades realizadas durante a oficina contribuíram para despertar ou fortalecer o interesse dos alunos pela leitura e pela escrita. Os resultados revelam uma percepção bastante positiva por parte dos participantes.

Entre os 26 alunos que responderam, 15 (57,7%) afirmaram que as atividades contribuíram de forma significativa para que se sentissem mais motivados a ler e escrever. Já os outros 11 alunos (42,3%) também reconheceram que houve impacto, ainda que em menor intensidade. Nenhum dos participantes sinalizou que as atividades não influenciaram ou causaram desinteresse. Esse dado é bastante expressivo e aponta para a eficácia das práticas propostas ao longo da oficina.

Percebe-se, assim, que as ações desenvolvidas conseguiram envolver os estudantes de maneira significativa. Ao trabalharem com narrativas que fazem parte do imaginário e da cultura local, como as visagens amazônicas, os alunos puderam se ver nas histórias, reconhecer elementos do seu cotidiano e perceber a leitura e a escrita como formas de expressão e pertencimento.

Esse tipo de experiência contribui diretamente para o que Magda Soares (2018) define como letramento literário, um processo que vai além da simples leitura de palavras e passa a envolver a formação de sujeitos leitores, capazes de se emocionar, refletir e dialogar com os textos. Quando o estudante se sente parte do que está lendo ou escrevendo, o aprendizado se torna mais significativo e duradouro.

Ademais, o fato de nenhum aluno ter respondido negativamente reforça a relevância do caminho pedagógico adotado, indicando que a oficina proporcionou um ambiente acolhedor e estimulante, no qual todos se sentiram convidados a participar e a se expressar. A escuta ativa, o respeito às vivências dos alunos e a valorização do saber local mostraram-se fundamentais para o sucesso da proposta.

Pergunta 8 – Você gostaria que mais histórias regionais fossem trabalhadas na escola?

Justifique sua resposta

Nome fictício (visagem)	Respostas
Mãe do mato	<i>“Sim, pois além de serem interessantes enfatizam a importância da oralidade.”</i>
Curupira	<i>“Sim, pois instiga a gente procurar mais sobre a nossa cultura.”</i>
Visagem da estrada	<i>“Sim, porque devemos preservá-las.”</i>

Visagem do cemitério	<i>“Sim, pois nos ajuda a conhecer melhor a nossa cultura.”</i>
Boto cor-de-rosa	<i>Sim, ainda mais se nos alunos fizermos o teatro sobre essas histórias.”</i>

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

As respostas dos alunos, à oitava pergunta, revelam de maneira unânime, o desejo de que mais histórias regionais sejam inseridas no contexto escolar. Cada justificativa evidencia diferentes motivações para esse interesse, mas todas apontam para um valor afetivo, cultural e pedagógico atribuído às narrativas da tradição oral amazônica.

A resposta associada à Mãe do Mato destaca que essas histórias são “interessantes” e “ênfaticam a importância da oralidade”. Esse apontamento revela a valorização da oralidade como forma de saber e de expressão cultural, aspecto essencial nas comunidades amazônicas, onde a tradição oral transmite conhecimento, valores e identidade coletiva.

A fala relacionada ao Curupira enfatiza o despertar da curiosidade: “instiga a gente procurar mais sobre a nossa cultura”. Tal manifestação demonstra que o contato com essas histórias não apenas informa, mas mobiliza os alunos para a pesquisa e a descoberta da própria identidade cultural.

Já as respostas vinculadas à Visagem da estrada e à Visagem do cemitério apontam a necessidade de preservação e reconhecimento da cultura regional. Ambas expressam que as histórias ajudam a “preservá-las” e a “conhecer melhor a nossa cultura”, evidenciando um sentimento de pertencimento e uma consciência da importância dessas narrativas para a formação da identidade amazônica.

Por fim, a resposta relacionada ao Boto cor-de-rosa sugere o uso das histórias em práticas escolares criativas, como o teatro. Essa proposta não apenas reforça o interesse pela continuidade dessas narrativas na escola, mas também mostra a disposição dos alunos em participar ativamente do processo de aprendizagem, de forma lúdica e colaborativa.

Pergunta 9 – Quais elementos culturais você conseguiu identificar nas histórias lidas?

Elementos culturais	Frequência	Percentual (Múltipla escolha)
Personagens típicos da Amazônia	26	100,00%
Locais reais da cidade	24	92,3%
Crenças populares	19	73,1%

Regionalismo linguístico	13	50,0%
Tradições orais	10	38,5%
Outros	0	0,0%

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

A nona pergunta do questionário buscou verificar quais elementos culturais os alunos conseguiram identificar nas histórias regionais apresentadas na oficina. Por se tratar de uma questão de múltipla escolha, os participantes puderam assinalar mais de uma alternativa, o que amplia a possibilidade de análise cruzada dos dados.

Os dados demonstram que os elementos mais reconhecidos pelos alunos foram os personagens típicos da Amazônia (100%) e os locais reais da cidade (92,3%), evidenciando um alto grau de identificação com aspectos da cultura local. Esse resultado revela a potência das narrativas de visagens como instrumentos de valorização da identidade regional, uma vez que os estudantes reconheceram, com clareza, elementos do seu próprio contexto cultural.

A frequência elevada na opção crenças populares (73,1%) sugere que os alunos percebem essas narrativas como expressões simbólicas do imaginário amazônico, ligadas à ancestralidade e à oralidade tradicional. Já o regionalismo linguístico foi identificado por 50% dos participantes, o que indica uma percepção significativa das marcas linguísticas locais nas histórias, embora ainda haja espaço para aprofundamento dessa dimensão em atividades futuras.

Por fim, tradições orais foram reconhecidas por 38,5% dos respondentes. Apesar de ser o item com menor frequência, sua presença nos relatos reforça a natureza oral dessas narrativas, que circulam historicamente entre gerações como forma de transmissão cultural e de resistência simbólica.

A partir das respostas dos alunos, foi possível perceber que as histórias de visagens despertaram maior interesse pela cultura amazônica e possibilitaram o reconhecimento de elementos culturais presentes no seu cotidiano, como crenças, personagens típicos e tradições orais. Essa experiência de contato com narrativas regionais contribuiu não apenas para o conhecimento cultural, mas também para o desenvolvimento de uma escuta mais sensível e reflexiva. Como afirma Candido (2011, p. 182), a literatura promove a humanização ao desenvolver no indivíduo qualidades como “reflexão, sensibilidade, compreensão da vida e do outro, ampliando sua capacidade de perceber a complexidade do mundo e de se abrir à experiência humana.” Assim, ao acessar e recriar histórias enraizadas em sua realidade, os

alunos passaram a valorizar sua identidade cultural, reforçando os vínculos entre leitura literária e formação humanizada.

Pergunta 10 – Percepção dos alunos sobre a criação ou recontagem de histórias de visagem

Nome fictício (visagem)	Respostas do aluno	Elementos identificados
Anhangá	<i>“Eu me senti como meu avô, me contando as histórias regionais.”</i>	Valorização da oralidade; relação intergeracional; identificação cultural
Visagem do cemitério	<i>“Foi bem divertido, pois me fez lembrar de quando minha vó contava essas histórias.”</i>	Resgate da memória afetiva; valorização das tradições orais
Cachorro Preto	<i>“Foi importante pois me conectou com as tradições e crenças locais.”</i>	Reconhecimento da cultura local; consciência identitária; pertencimento cultural
Mãe do ouro	<i>“Em alguns momentos cheguei a entrar no personagem e senti medo.”</i>	Envolvimento emocional; dramatização; imersão narrativa
Encantado do Igarapé	<i>“Foi divertido, conheci novas histórias e lembrei de outras que já ouvi dos meus familiares.”</i>	Descoberta e ressignificação cultural; memória coletiva; ampliação do repertório

As respostas evidenciam que a criação ou recontagem de histórias de visagem foi uma atividade afetiva, significativa e culturalmente marcante para os alunos. Através da experiência narrativa, muitos estudantes se conectaram com lembranças familiares, especialmente envolvendo avós, o que ressalta o papel da oralidade e da memória intergeracional na preservação das tradições amazônicas.

A fala “Eu me senti como meu avô, me contando as histórias regionais” expressa a internalização da tradição oral e a apropriação da função narrativa como ato cultural. Já outras respostas revelam um resgate da memória afetiva e um reconhecimento do pertencimento cultural, como no caso da aluna que afirmou ter se conectado com as “tradições e crenças locais”.

Os relatos colhidos nas oficinas demonstraram que ao ouvir e recontar essas narrativas, muitos estudantes passaram a valorizar as vivências de seus familiares, principalmente os mais velhos, e a perceber sua realidade como parte integrante de uma identidade coletiva amazônica. Segundo Hall (2006), a identidade é construída na interseção entre o mundo interno e o externo,

sendo moldada pelas experiências culturais que internalizamos e que, ao mesmo tempo, projetamos como parte de quem somos. Nesse sentido, o engajamento dos alunos com a literatura regional evidencia um processo de sutura simbólica entre sujeito e cultura, fortalecendo laços comunitários e estimulando a valorização da memória oral como patrimônio identitário.

De maneira geral, os dados coletados por meio dos questionários e observações durante a oficina “Narrativas Amazonenses de Visagem e Letramento Literário” revelam que muitos estudantes já mantinham algum contato anterior com as narrativas de visagens, seja por relatos familiares, conversas com pessoas mais velhas ou vivências comunitárias. Esse reconhecimento prévio evidencia o quanto a oralidade ainda é uma prática viva nas vivências do amazonense, funcionando como meio de transmissão de saberes e valores culturais.

A presença dessas histórias no ambiente escolar, portanto, não só resgatou memórias afetivas, mas também abriu espaço para o reconhecimento da cultura local como objeto de ensino e aprendizagem. Nesse sentido, as visagens mostraram-se recursos pedagógicos eficazes para a valorização dos saberes amazônicos e para o fortalecimento de vínculos identitários entre os alunos e sua comunidade.

No que diz respeito ao letramento literário, observou-se que a oficina contribuiu de maneira significativa para o desenvolvimento das habilidades de leitura, interpretação e produção textual, especialmente por meio de práticas mediadas pela oralidade, como a leitura dramatizada das lendas e a contação das narrativas realizadas pelos próprios alunos. A criação de novas histórias, inspiradas nas escutas e vivências dos alunos, reforçou essa apropriação ativa da literatura, estimulando a construção de sentidos próprios e enraizados em seus contextos culturais.

Nesse sentido, a análise dos dados revelou que a literatura desempenha um papel fundamental na construção da identidade cultural e na educação dos sujeitos. Conforme destaca Candido (2011, p. 177), “a literatura é uma necessidade universal e um direito, funcionando como fator essencial de humanização e instrumento educacional que expressa e questiona os valores sociais.” Essa perspectiva reforça a importância da literatura não apenas como um produto cultural, mas também como um espaço de diálogo e reflexão crítica sobre a realidade social, o que se evidencia nas respostas dos participantes.

A socialização das leituras e produções textuais evidenciou o alto nível de engajamento dos estudantes, que participaram com entusiasmo das atividades, compartilharam experiências pessoais e demonstraram afeto pelas histórias trabalhadas. Isso reforça a ideia de que a escuta

ativa e o respeito ao repertório cultural dos alunos são fundamentais para estimular o gosto pela leitura e pela escrita.

Por fim, os resultados da oficina apontam que a contação de histórias de visagens, articulada a práticas pedagógicas participativas e criativas, é uma estratégia eficaz tanto para o letramento literário quanto para a valorização das identidades amazônicas. Ao incorporar os saberes da comunidade ao currículo escolar, a escola assume seu papel de mediadora entre tradição e formação crítica. Como afirma Câmara Cascudo (1984), ao estudar o folclore e as narrativas populares, estamos também estudando a alma de um povo.

Tabela – Voz docente: percepções da professora colaboradora sobre as narrativas de visagens na escola

Pergunta	Resposta da professora
1. Tempo de atuação	<i>“Cinco anos.”</i>
2. Disciplina(s) que leciona	<i>“Língua Portuguesa e suas literaturas.”</i>
3. Você já trabalhou com narrativas amazônicas de visagens em sala de aula?	<i>“Sim.”</i>
4. Se sim, de que forma?	<i>“Relatos dos alunos, leitura e discussão, e sarau com narrativas.”</i>
5. Como você avalia a participação dos alunos nas oficinas de leitura e contação de histórias?	<i>“Muito significativa, pois houve participação ativa na atividade, criatividade, comunicação e expressão.”</i>
6. Você percebeu mudanças no interesse dos alunos pela literatura após as atividades? Se sim, quais?	<i>“Sim, pois quando se trata de assunto local, os alunos desenvolvem um interesse maior pela literatura, por questão emocional e por identidade cultural.”</i>
7. Você considera que a inclusão de narrativas regionais pode contribuir para o letramento literário?	<i>“Sim, principalmente por questão de conexão com assuntos locais e reais; ajuda na diversidade de perspectivas e a promover a identidade cultural.”</i>
8. Quais são os desafios e possibilidades de trabalhar narrativas amazônicas na escola?	<i>“Desafios: falta de recursos materiais e preconceitos culturais. Possibilidades: desenvolvimento da criatividade e de diversas habilidades.”</i>
9. O que poderia ser aprimorado nas atividades realizadas?	<i>“Rodas de conversa, ilustrações (desenhos), vídeos.”</i>
10. Acredita que ações como esta devem ser ampliadas na	<i>“Sim, devem ser ampliadas para desenvolver a diversidade cultural. Podem ser incorporadas por meio da</i>

escola? Como poderiam ser incorporadas?	<i>literatura (brasileira ou regional), poesia, debates, criação de histórias etc.</i>
---	--

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

### **Análise interpretativa das respostas da professora colaboradora**

As respostas da professora colaboradora demonstram uma compreensão atenta e comprometida sobre o uso das narrativas amazônicas de visagens no ambiente escolar. Com cinco anos de atuação no ensino de Língua Portuguesa e suas literaturas, a docente relata já ter trabalhado com esse tipo de conteúdo anteriormente, por meio de relatos espontâneos dos alunos, leituras comentadas, discussões em sala de aula e atividades como saraus literários. Essa experiência prévia indica abertura para práticas pedagógicas que valorizam os saberes locais e promovem o diálogo entre cultura, memória e linguagem.

Ao avaliar a participação dos estudantes nas oficinas de leitura e contação de histórias realizadas no contexto da pesquisa, a professora destaca que houve envolvimento expressivo por parte dos alunos, os quais demonstraram criatividade, habilidade de comunicação e liberdade de expressão. Essa observação aponta para a relevância das metodologias utilizadas, que possibilitaram aos estudantes uma experiência significativa com a leitura literária, ancorada na oralidade e na escuta ativa.

Quando questionada sobre o interesse dos alunos pela literatura após a realização das oficinas, a docente afirma ter percebido mudanças positivas. Ela destaca que o fato de os temas abordarem elementos da cultura local despertou maior identificação e engajamento por parte dos alunos, tanto pelo aspecto emocional quanto pelo reconhecimento de elementos de sua identidade cultural. Essa resposta evidencia a potência formativa de narrativas que partem do território e das vivências do aluno, promovendo um processo de leitura mais afetivo e contextualizado. Nesse sentido, é possível observar o desenvolvimento da habilidade de “identificar elementos de uma narrativa lida ou escutada, incluindo personagens, enredo, tempo e espaço” (BRASIL, 2018, p. 111), demonstrando que o trabalho com essas narrativas favorece também a ampliação do repertório literário dos estudantes.

A professora também reconhece que a inclusão de narrativas regionais pode contribuir de forma significativa para o desenvolvimento do letramento literário, justamente por favorecer a diversidade de perspectivas e o contato com realidades próximas. Para ela, esse tipo de

conteúdo ajuda os alunos a ampliar seu olhar sobre o mundo e a valorizar suas próprias origens culturais. Essa perspectiva está em consonância com a BNCC ao afirmar que:

As mudanças próprias dessa fase da vida implicam a compreensão do adolescente como sujeito em desenvolvimento, com singularidades e formações identitárias e culturais próprias, que demandam práticas escolares diferenciadas, capazes de contemplar suas necessidades e diferentes modos de inserção social (BRASIL, 2018, p. 60).

Entre os desafios apontados, estão a escassez de recursos materiais e a presença de preconceitos em relação às manifestações culturais amazônicas. Ainda assim, a professora identifica inúmeras possibilidades de trabalho, especialmente no campo da criatividade e do desenvolvimento de habilidades diversas, como expressão oral, produção textual e sensibilização estética. Também sugere a ampliação das ações para além das oficinas pontuais, com integração das narrativas regionais aos conteúdos curriculares por meio de literatura, poesia, rodas de conversa e atividades de criação coletiva.

A escuta atenta da professora colaboradora, aliada à sua experiência profissional e à percepção crítica sobre o processo vivenciado, contribuiu de maneira relevante para a compreensão dos impactos da proposta pedagógica, evidenciando o potencial formativo das narrativas amazônicas no fortalecimento do letramento literário e na valorização da identidade cultural dos estudantes. Sua postura reforça a importância de práticas educativas que integrem cultura, território e leitura, promovendo um processo de ensino-aprendizagem mais significativo, afetivo e situado na realidade dos educandos.

Tal perspectiva dialoga com os princípios da pedagogia freireana, que defende a educação como prática libertadora e situada historicamente. Para Freire (1996), a questão da identidade cultural, que envolve tanto a dimensão individual quanto a de classe dos educandos, é elemento fundamental na prática educativa crítica e progressista. O autor afirma que:

A questão da identidade cultural, de que fazem parte a dimensão individual e a de classe dos educandos cujo respeito é absolutamente fundamental na prática educativa progressista, é problema que não pode ser desprezado. Tem que ver diretamente com a assunção de nós por nós mesmos. É isto que o puro treinamento do professor não faz, perdendo-se e perdendo-o na estreita e pragmática visão do processo. (FREIRE, 1996, s/p).

Esse entendimento reforça a necessidade de uma abordagem pedagógica que reconheça os sujeitos em sua integralidade, valorizando suas origens culturais como ponto de partida para o processo formativo. A inclusão das narrativas amazônicas de visagens, nesse sentido, se mostra potente não apenas como instrumento de mediação da leitura literária, mas também como meio de afirmação da identidade, da memória coletiva e da construção do pertencimento dos alunos ao seu contexto sociocultural.

Além disso, Freire (1996) destaca que a prática educativa exige do professor um exercício permanente de amorosidade, curiosidade e abertura para com os educandos, reconhecendo-os como sujeitos históricos e culturais do processo de conhecimento. Para o autor, a competência técnica e o rigor científico não são incompatíveis com a dimensão afetiva das relações educativas. Pelo contrário, é preciso articular saberes técnicos ao compromisso ético e político com a autonomia dos estudantes. A coerência entre discurso e prática pedagógica, portanto, torna-se essencial para a constituição de um ambiente verdadeiramente formador.

Nesse contexto, a experiência relatada demonstra que o uso de narrativas locais, quando associado a práticas pedagógicas sensíveis e coerentes, potencializa não apenas o desenvolvimento de habilidades de leitura e expressão, mas também promove o engajamento dos alunos em um processo educativo emancipador. Conforme orienta a BNCC, ao “reconhecer a cultura dos educandos como fonte legítima de saber”, o educador rompe com modelos pedagógicos excludentes e fortalece uma educação comprometida com a transformação social e com a valorização dos sujeitos em sua totalidade.

## CONSIDERAÇÕES

Concluir este trabalho é, acima de tudo, reafirmar a potência da literatura como instrumento de transformação social, cultural e subjetiva. Ao longo da pesquisa, buscou-se compreender como as narrativas amazônicas de visagens marcadas pela oralidade, pela ancestralidade e pela força do imaginário popular podem ser incorporadas ao ambiente escolar como caminhos para o letramento literário e para a valorização identitária dos alunos. O que se revelou foi um encontro profundamente fecundo entre tradição e educação, entre memória coletiva e formação crítica.

A escolha metodológica, pautada por abordagens qualitativas e quantitativas, permitiu uma escuta atenta das experiências vividas em sala de aula. Mais do que números, emergiram histórias, afetos, sentidos construídos coletivamente a partir da escuta e da partilha. Ao mergulhar no universo simbólico das visagens com os alunos do 2º ano do Ensino Médio, tornou-se evidente que a contação de histórias, a leitura compartilhada e a escrita criativa não são apenas estratégias pedagógicas, mas formas de pertencimento e resistência.

Mais do que cumprir finalidades acadêmicas, esta pesquisa procurou resgatar vozes muitas vezes silenciadas por um currículo tradicional e por um cânone literário excludente. Ao

trazer para o centro do trabalho pedagógico a cultura amazônica, reafirmei o valor dos saberes locais e a importância de uma escola que reconheça e acolha a diversidade de seus sujeitos. A literatura regional aqui não é tratada como algo menor ou periférico, mas como raiz viva, território de afetos e de memória, lugar de escuta e de construção de identidade.

O percurso teórico e prático demonstrou que o letramento literário vai além da simples decodificação de textos. Ele acontece no encontro entre linguagem, identidade e experiência. A integração entre leitura, oralidade e escrita, observada nas oficinas e nas produções dos estudantes, revelou que é possível construir práticas de leitura mais significativas quando se parte das vivências reais dos educandos, reconhecendo suas histórias, seus territórios e suas vozes.

Este trabalho se propõe, assim, a ser mais do que um produto acadêmico. Ele é uma possibilidade de caminhar junto aos alunos na construção de uma educação sensível, que escuta, acolhe e transforma. Uma educação que respeita as origens culturais dos sujeitos, que entende a escola como espaço de diálogo e de encontro, e que acredita que todo ato de leitura também é um ato de reconhecimento.

Encerrar esta pesquisa é, portanto, abrir caminhos. Caminhos para que as vozes das margens sejam ouvidas, para que o saber ancestral tenha espaço nas práticas pedagógicas, e para que a escola se fortaleça como lugar de formação crítica e afetiva. Que as narrativas visagens antes temidas ou silenciadas agora habitem com liberdade o espaço da educação, iluminando trajetórias de leitura, identidade e resistência que ultrapassem os muros da escola e ressoem na vida dos sujeitos.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maria do Socorro Pereira de. **Literatura e ensino: perspectivas metodológicas.** *Rios Eletrônica – Revista Científica da FASETE*, ano 8, n. 8, p. 7–19, dez. 2014.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. 9. ed. rev. pelo autor. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- \_\_\_\_\_. O direito à literatura. In: **Vários escritos**. 5. ed. rev. pelo autor. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011. p. 171-193.
- DA CÂMARA CASCUDO, Luís. **Literatura oral no Brasil**. Global Editora e Distribuidora Ltda, 2015.
- CHIAPPINI, Ligia. Do beco ao belo: dez teses sobre o regionalismo na literatura. **Revista Estudos Históricos**, v. 8, n. 15, p. 153-160, 1995.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2009.
- DA SILVA, Paulo Ricardo Moura. **Práticas escolares de letramento literário: Sugestões para leitura literária e produção textual**. Vozes Acadêmica, 2022.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1989.
- \_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo. Paz e Terra, 1996.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. Editora Atlas SA, 2008.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. Ática, 2000.
- LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira: uma nova/outra história**. PUCPress, 2017.
- LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura amazônica: uma poética do imaginário**. Editora cultural brasil, 2019.
- MORAES, R. **O meu dicionário de cousas da Amazônia**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2013.

NEVES, José Luis. Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades. **Caderno de pesquisas em administração, São Paulo**, v. 1, n. 3, p. 1-5, 1996.

SILVA, Clodoaldo Matias; DE ALMEIDA, Janderson Gustavo Soares; FIGUEIREDO, Suelem Sampaio. **A importância da literatura regional na valorização da identidade dos (as) alunos (as) no ensino médio do estado do Amazonas. Marupiará| Revista Científica do CESP/UEA**, n. 13, p. 31-51, 2024.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

SOUZA, Márcio. **A literatura no Amazonas: as letras na pátria dos mitos. Revista Poligramas, Ed**, v. 29, 2018.

VIEIRA, Hilluska de Figueredo Sousa Carneiro. **Letramento Literário-um caminho possível. ArReDia**, v. 4, n. 7, p. 117-126, 2015.

ZILBERMAN, Regina. **O papel da literatura na escola. Via Atlântica**, v. 9, n. 2, p. 11-22, 2008.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral**. Tradução de Jerusa Pires Ferreira, Maria Lúcia Diniz Pochat e Maria Inês de Almeida. São Paulo: Hucitec, 1997.

## Apêndices

### Apêndice A – Questionário aplicado aos alunos

Este questionário tem o objetivo de coletar suas percepções sobre as atividades realizadas na pesquisa, analisando seus impactos no seu interesse pela leitura, escrita e valorização da cultura amazônica. Suas respostas são muito importantes para o desenvolvimento da pesquisa.

#### PARTE 1 – IDENTIFICAÇÃO

1. Idade: \_\_\_\_\_
2. Ano escolar: \_\_\_\_\_

#### PARTE 2 – EXPERIÊNCIA COM NARRATIVAS AMAZÔNICAS

3. Você já conhecia alguma das histórias de visagens apresentadas?  
( ) Sim ( ) Não
4. Se sim, de que forma teve esse contato? (Marque todas as opções que se aplicam)  
( ) Ouvi histórias contadas por familiares ou amigos  
( ) Li em livros ou artigos  
( ) Assisti a filmes, séries ou documentários  
( ) Outro. Qual? \_\_\_\_\_

#### PARTE 3 – IMPACTOS DAS OFICINAS

5. Como foi sua experiência participando das oficinas de leitura e contação de histórias? O que mais te marcou?
6. Você considera que essas histórias ajudaram a conhecer melhor a cultura amazônica? Por quê?
7. As atividades realizadas contribuíram para o seu interesse pela leitura e pela escrita? De que forma?  
( ) Sim, muito  
( ) Sim, um pouco  
( ) Não influenciou

Não, pelo contrário

8. Você gostaria que mais histórias regionais fossem trabalhadas na escola?

Justifique sua resposta.

9. Quais elementos culturais você conseguiu identificar nas histórias lidas?

(Pode marcar mais de um)

Crenças populares

Regionalismos linguísticos

Personagens típicos da Amazônia

Locais reais da cidade

Tradições orais

Outros: \_\_\_\_\_

10. Como foi para você criar ou recontar uma história de visagem durante a oficina? O que sentiu ao fazer isso?

### **Apêndice B – Questionário aplicado a professora**

Este questionário tem o objetivo de coletar suas percepções sobre as atividades realizadas na pesquisa, analisando seus impactos nos alunos e no ensino da literatura na escola. Suas respostas são fundamentais para compreendermos melhor esse processo.

#### PARTE 1 – IDENTIFICAÇÃO

1. Tempo de atuação como professora:

2. Disciplinas(s) que leciona:

#### PARTE 2 – EXPERIÊNCIA COM NARRATIVAS AMAZÔNICAS

3. Você já trabalhou com narrativas amazônicas de visagens em sala de aula?

Sim  Não

4. Se sim, de que forma?

#### PARTE 3 – IMPACTOS DA PESQUISA

5. Como você avalia a participação dos alunos nas oficinas de leitura e contação de histórias?

6. Você percebeu mudanças no interesse dos alunos pela literatura após as atividades?

Se sim, quais?

7. Você considera que a inclusão de narrativas regionais pode contribuir para o desenvolvimento do letramento literário dos alunos? Por quê?
8. Na sua opinião, quais são os desafios e possibilidades de trabalhar narrativas amazônicas na escola?
9. O que poderia ser aprimorado nas atividades realizadas?
10. Você acredita que ações como esta devem ser ampliadas na escola? De que forma elas poderiam ser incorporadas ao currículo?

### **Apêndice C – Roteiro da Oficina.**

Público-alvo: Alunos do 2º ano do Ensino Médio

Duração: 2 encontros de 40 minutos cada

Objetivo geral: Estimular o letramento literário e a valorização da identidade cultural por meio da contação de histórias amazônicas de visagem.

#### **1º ENCONTRO – ESCUTA E INTERPRETAÇÃO**

- Acolhida e introdução ao tema
  - Apresentação da proposta da oficina.
  - Breve conversa com os alunos sobre o que são visagens e se já ouviram falar de alguma.
2. Leitura em voz baixa das lendas e análise textual identificando os aspectos estruturais do texto: personagens, ambiente, tempo e linguagem.
  3. Leitura dramatizada de narrativas amazônicas de visagens selecionadas para os alunos.

#### **2º ENCONTRO – CRIAÇÃO E EXPRESSÃO**

Retomada do conteúdo anterior

1 Breve recapitulação do encontro anterior, lembrando os principais pontos.

2. Proposta de criação de narrativas

Orientação: cada aluno criará sua própria história de visagem inspirada na cultura local. Pode ser um relato de algo que ouviram ou uma criação baseada em elementos do cotidiano.

#### 4. Socialização das produções

Leitura voluntária das histórias criadas para a turma.

Comentários dos colegas e do professor sobre as produções.

Materiais utilizados:

- Impressos com textos das lendas

Resultados esperados:

- Estimular a escuta ativa e a produção textual criativa
- Valorizar os saberes locais por meio da literatura
- Fortalecer a identidade cultural dos alunos
- Desenvolver habilidades de leitura, interpretação e oralidade.